

Arthur Conan Doyle

A Face Amarela

Título original: *The Yellow Face*

Publicado em *The Strand Magazine*, Londres, 1893

Sobre o texto em português

Este texto digital reproduz a tradução de *The Yellow Face* publicado em *As Aventuras de Sherlock Holmes*, Volume III, editado pelo Círculo do Livro e com tradução de Hamílcar de Garcia.

Ao publicar estes breves esboços, baseados em numerosos casos e dramas estranhos de que as qualidades especiais de meu companheiro me fizeram espectador, e eventualmente ator, é muito natural que me detenha mais nos êxitos do que nos fracassos. Não se trata de amor à sua reputação, pois era precisamente quando não tinha nada em mãos que sua energia e vitalidade se tornavam mais admiráveis, mas sucedia muitas vezes que, onde ele fracassava, ninguém mais era bem sucedido. Entretanto, às vezes acontecia que, mesmo quando errava, a verdade era descoberta. Possuo alguns casos dessa natureza, dos quais o da segunda mancha e o que vou agora narrar são os que apresentam as mais fortes características de interesse.

Sherlock Holmes era um homem que só muito raramente fazia exercícios por diletantismo, mas poucos seriam capazes de maior esforço físico. Foi, sem dúvida alguma, um dos mais exímios pugilistas de seu peso que já encontrei. Considerava porém o esforço físico sem objetivo um desperdício, e poucas vezes se entregava à atividade, exceto se havia um fim profissional a ser atingido. Então era infatigável, sendo de espantar que, em ocasiões extremas, se encontrasse em forma. Atribuo isso a seu sóbrio regime alimentar e aos hábitos simples, que se aproximavam da austeridade.

Um dia, no começo da primavera, estava tão bem-disposto que saiu comigo para um passeio no Hyde Park. Os olmos começavam a desabrochar, e as duras pontas de lança dos castanheiros rebentavam-se em folhas múltiplas. Erramos juntos durante duas horas, a maior parte do tempo em silêncio, como sucede com duas pessoas que se conhecem intimamente. Eram já quase cinco horas quando regressamos à Baker Street.

— Desculpe, senhor — disse nosso criado, ao abrir a porta —, mas esteve aqui um cavalheiro que perguntou pelo senhor.

Holmes olhou para mim com ar de censura:

— Gastar tanto tempo nestes passeios à tarde! O cavalheiro já se foi?

— Sim, senhor.

— Não o mandou entrar?

— Mandei, sim. Ele entrou.

— Quanto tempo esteve à espera?

— Meia hora. Era um cavalheiro inquieto. Todo o tempo que aqui esteve, andou de um lado para outro e batia os pés no chão. Ouvi perfeitamente, senhor, porque fiquei à espera do outro lado da porta. Por fim, saiu para o corredor e disse: "Esse homem nunca mais vem?" Foram essas suas próprias palavras, senhor. Eu respondi: "Queira esperar um pouco mais". "Então esperarei ao ar livre, porque tenho pressa. Voltarei mais tarde." E foi-se

embora.

— Bem, você fez o que pôde — disse Holmes quando entramos. E, dirigindo-se a mim: — Realmente, é muito aborrecido, Watson; tenho imensa necessidade de um caso e este parece-me de importância, a julgar pela impaciência do homem. Espere! Aquele cachimbo em cima da mesa não é seu! Nosso homem deve tê-lo esquecido. É um belo cachimbo de roseira, com um cabo comprido, de uma substância a que os tabaquistas chamam âmbar. Pode fazer-se uma idéia de quantas boquilhas de âmbar autêntico há em Londres. Algumas pessoas acham que uma pequena mosca na boquilha é um sinal de distinção, a tal ponto que há um ramo de negócio que consiste em simular moscas em âmbar falso. Mas o homem deve ter sofrido um distúrbio mental para se esquecer de uma coisa que tanto estima.

— Como sabe disso? — perguntei.

— Bem, calculo o custo original do cachimbo em sete xelins e seis pence. Ora, ele já foi consertado duas vezes, como se vê: no cabo de madeira e no âmbar. Cada um desses arranjos, feito com anilhas de prata, deve ter custado mais do que o cachimbo. O homem tem de estimá-lo muito para preferir mandar consertá-lo a comprar outro com o mesmo dinheiro.

— Alguma coisa mais? — insisti, vendo Holmes virar o objeto na mão e observá-lo a seu modo peculiar e pensativo.

Ergueu-o e bateu-lhe ao de leve com o indicador comprido e fino, como um professor que fizesse uma preleção sobre um osso.

— Os cachimbos são, por vezes, de um interesse extraordinário. Nada tem mais originalidade, exceto talvez os relógios e os cadarços das botas. No entanto, as indicações neste caso não são muito significativas nem muito importantes. O dono deste objeto é um homem musculoso, canhoto e de excelente dentadura. Além disso, é descuidado em seus hábitos e não tem a menor necessidade de fazer economia.



Meu amigo lançou essa opinião de maneira categórica, mas vi que olhou para mim para ver se eu lhe seguia o raciocínio.

— Você acha que um homem precisa ser rico para fumar um cachimbo de sete xelins? — perguntei.

— Esta mistura de Grosvenor custa oito pence a onça — respondeu Holmes. — Visto que ele poderia comprar um excelente tabaco por metade do preço, deduzo que não tem necessidade de fazer economia.

— E os outros pontos?

— Tem o hábito de acender o cachimbo nos candeeiros e nos bicos de gás. Nota-se que a madeira está toda queimada de um lado, e um fósforo não teria feito isso. Não se compreende que um homem coloque um fósforo do lado de fora do cachimbo, mas se o acender numa lâmpada queima-lhe o bojo. É o lado direito que está queimado, e por isso concluo que é



canhoto. Leve você seu cachimbo à chama e repare que, não sendo canhoto, é o lado esquerdo que queima, normalmente. Mas vê-se também que é um indivíduo musculoso, enérgico, por ter conseguido morder o âmbar desta maneira. Que belos dentes deve ter! Mas, se não estou enganado, ouço-o subir a escada, de modo que teremos algo de mais interessante para estudar do que seu cachimbo.

Um instante depois, a porta abriu-se e entrou na sala um jovem alto, modestamente vestido de cinza-escuro, na mão um chapéu mole e castanho. Eu lhe daria uns trinta anos, embora fosse um pouco mais velho.



— Peco-lhes desculpas — começou com certo embaraço. — Creio que devia ter batido. Sim, devia ter batido, na verdade. Mas estou um pouco transtornado, de modo que me esqueço de tudo. — Passou a mão pela testa com uma expressão de surpresa e jogou-se numa cadeira.

— Noto que o senhor não dorme há uma ou duas noites — disse Holmes, à maneira fácil e engenhosa. — Isso é pior para os nervos do que o trabalho. Pior mesmo que o prazer. Importa-se que lhe pergunte em que posso servi-lo?

— Queria que me desse um conselho. Não sei o que fazer. Toda a minha vida parece transtornada.

— Quer contratar meus serviços como detetive?

— Não. Não é bem isso. Queria sua opinião porque sei que o senhor é um homem criterioso, um homem experiente. Preciso saber o que fazer. E Deus queira que possa ajudar-me.

Falava entrecortadamente, com arranques ásperos e espasmódicos. Parecia que falar era-lhe muito penoso, e que seu desejo era vencer essa dificuldade.

— É um assunto muito delicado — disse ele. — Ninguém gosta de falar a estranhos a respeito de suas questões domésticas. Parece-me horrível abordar a conduta da mulher com quem me casei com dois homens que nem sequer conheço. É na verdade horrível ter de recorrer a isso. Cheguei porém ao fim de meus receios, e preciso de conselho.

— Meu caro sr. Grant Munro — começou Holmes.

O nosso visitante saltou na cadeira.

— O quê? — gritou. — O senhor sabe meu nome?!

— Se quiser manter-se incógnito — respondeu Holmes —, sugiro-lhe que deixe de escrever seu nome no forro do chapéu, ou então volte a copa para a pessoa a quem se dirigir. Mas eu dizia que tanto meu amigo como eu temos ouvido muitos segredos nesta sala, e também temos tido a felicidade de levar a paz a muitas almas angustiadas. Espero que possamos fazer o mesmo com o senhor. Visto que o tempo é sempre de primordial importância, peço-lhe para expor o caso sem mais delongas.



59

Como se achasse isso muito doloroso, o nosso visitante passou outra vez a mão pela testa. Em cada um de seus gestos e expressões, eu notava nele um homem reservado e, por natureza, capaz de se dominar; mas havia também certo orgulho que o levava a preferir ocultar suas feridas em lugar de as revelar. De repente, fazendo com a mão o gesto de quem se liberta de um peso, começou:

— Os fatos são estes, sr. Holmes, Sou casado há três anos, minha mulher e eu amamo-nos sempre com paixão e temos sido felizes como se nunca houvéssimos vivido um sem o outro. Nunca tivemos uma divergência, por pensamentos, palavras ou obras. Mas agora, desde segunda-feira passada, surgiu de súbito uma barreira entre nós e descobri que existe alguma coisa em sua vida e em seus pensamentos que conheço tão mal como se se tratasse de uma estranha que cruzasse comigo na rua. Somos estranhos, e quero saber por quê. Mas há uma coisa que desejo salientar antes de prosseguir, sr. Holmes. Effi me ama. Não deve haver a menor dúvida a esse respeito. Ama-me de todo o coração e de toda a sua alma, e nunca me amou mais do que agora. Sei disso, sinto-o, e não venho aqui para discuti-lo. Um homem pode saber com facilidade quando a mulher o ama. Mas agora há este segredo entre nós, e nunca poderemos voltar a ser os mesmos enquanto tudo não estiver esclarecido.

— Tenha a bondade de me apresentar os fatos, sr. Munro — disse Holmes com impaciência.

— Começarei pelo que sei da história de Effi. Era viúva quando a encontrei pela primeira vez, embora muito nova, pois tinha apenas vinte e dois anos. Chamava-se então sra. Hebron. Fora muito jovem para a América, e viveu na cidade de Atlanta, onde se casou com um advogado de grande clientela chamado Hebron. Tiveram uma filha; mas, durante a epidemia de febre amarela que repentinamente grassou na cidade, ambos morreram, o marido e a filha. Vi as certidões de óbito. Esses tristes fatos desgostaram-na na América, e fizeram-na regressar à casa de uma tia solteira que vive em Pinner, em Middlesex. Posso acrescentar que o marido a deixou muito bem, com um capital de quase quatro mil e quinhentas libras, tão bem aplicado que rende uma média de sete por cento. Chegara a Pinner havia seis meses quando a vi pela primeira vez; gostamos logo um do outro e casamo-nos poucas semanas depois.

"Sou negociante de lúpulo e, como tenho uma renda de setecentas a oitocentas libras, vivemos com um certo desafogo e alugamos, em Norbury, uma casa de oito libras por ano. É um lugar bastante rústico, embora fique muito perto da cidade. Há na região uma pensão e duas casas um pouco mais adiante e, do outro lado do prado, bem em frente à nossa, outra casa. Isso é tudo até meio caminho da estação. Meu negócio obriga-me a vir à cidade em certas épocas do ano. No verão, em geral, tenho menos o que fazer, e fico mais em casa. Minha mulher e eu éramos realmente tão felizes quanto podíamos desejar. Digo-lhe que nunca houve a menor sombra entre nós, até surgir este maldito caso. Mas há mais uma coisa que lhe devo dizer antes de continuar: quando nos casamos, minha mulher passou toda a sua propriedade para meu nome, apesar de minha firme oposição, porque eu via nisso um perigo caso meus negócios corressem mal. Mas ela insistiu tanto que assim se fez. Ora, há cerca de seis semanas, ela veio ter comigo e disse-me:

"— Jack, quando você ficou com meus bens, disse que, se eu precisasse de dinheiro, bastava pedir.

"— Naturalmente — respondi —, visto que é todo seu.

"— Nesse caso, preciso de cem libras.

"Fiquei um tanto alarmado com o pedido; julguei tratar-se simplesmente de um vestido novo ou coisa parecida.

"— Para que quer tanto dinheiro?

"— Oh! — disse ela com seu modo travesso —, você me disse que seria apenas meu banqueiro, e os banqueiros nunca fazem perguntas.

"— Se realmente o deseja, é claro que o terá.

"— Sim, realmente quero.

"— E não me diz para quê?

"— Um dia, talvez. Mas agora não, Jack.

"Fiquei calado, embora aquele fosse o primeiro segredo entre nós, mas dei-lhe um cheque e nunca mais falamos no assunto. Pode ser que este detalhe não tenha nada a ver com o que se passou em seguida, mas achei conveniente mencioná-lo. Eu lhe disse ainda há pouco que existe outra casa não muito distante da minha, separada apenas por um prado. Para chegar lá é preciso tomar a estrada e seguir depois por um beco. Mais adiante, há um pequeno pinhal muito lindo, onde eu gostava de passear porque as árvores são sempre boas companheiras. Ora, esta casa está vazia há oito meses, e é uma pena, visto que é uma bela moradia de dois andares, com uma entrada de estilo antigo, toda cercada de madressilvas. Pensei muitas vezes que bela residência se faria dela. Na segunda-feira passada à tarde, eu descia o caminho em meu passeio habitual, quando cruzei com um caminhão de mudança vazio subindo o beco. Vi também uma pilha de tapetes e outros objetos ao lado da entrada, tornando-se evidente que a moradia fora alugada. Continuei a andar, depois parei como qualquer pessoa desocupada e corri os olhos pela casa, tentando imaginar que espécie de gente teria vindo morar tão perto de nós. Foi então que descobri um rosto que me fitava de uma das janelas de cima. Não sabia o que havia naquele rosto, mas, ao fixá-lo melhor, senti um arrepio percorrer-me a espinha. Estava longe, de modo que não fui capaz de lhe distinguir as feições, mas senti que havia nele qualquer coisa que não era natural nem humana. Foi essa a impressão que tive. Corri então, a fim de ver mais de perto a pessoa que continuava a fitar-me. Mas, quando me aproximei, o rosto desapareceu repentinamente, tão repentinamente que me pareceu ter sido arrastado para a escuridão do quarto. Durante uns cinco minutos fiquei estático, pensando no assunto e tentando analisar minhas impressões. Não podia, porém, dizer se o rosto era de homem ou mulher. Sua cor foi o que mais me impressionou: era de um amarelo lívido e cadavérico, com algo de rígido mesmo, que o tornava chocantemente antinatural. Cheguei a tal ponto de estupefação que decidi indagar a respeito de tão estranho inquilino. Aproximei-me da porta e bati. Uma mulher alta e magra, mal-encarada e antipática, apareceu logo.

"— O que o senhor quer? — perguntou, com um sotaque do norte.

"— Sou seu vizinho e moro ali — respondi, indicando com a cabeça minha casa. — Vejo que acaba de se instalar, e pensei que talvez lhe pudesse ser útil.

"— Muito bem — respondeu a mulher. — Chamaremos quando precisarmos. — E bateu-me com a porta na cara.

"Aborrecido com tal grosseria, fui para casa; toda a tarde pensei na aparição da janela e na rispidez daquela mulher. Em vão tentava desviar o pensamento para outras coisas, e resolvi não dizer nada a minha mulher, pois ela é uma pessoa nervosa e facilmente impressionável. No entanto, antes de nos deitarmos, observei-lhe que a moradia vizinha já estava alugada, mas ela não fez nenhum comentário.



"Normalmente, tenho o sono pesado. Dizem até por brincadeira, em família, que não há nada que me acorde durante a noite. Mas desta vez deve ter acontecido alguma coisa especial, talvez por causa da excitação que me provocara minha pequena aventura. Não sei; o certo é que nessa noite tive um sono muito leve. Mais ou menos em sonhos, estava consciente de que se passava qualquer coisa em meu quarto e, pouco a pouco, fui me

certificando de que minha mulher se vestia, punha a capa nas costas e pegava o chapéu. Meus lábios se abriram ainda para murmurar algumas palavras de surpresa ou censura perante tais preparativos; mas meus olhos meio abertos pousaram de repente em seu rosto, iluminado pela luz da vela, e o espanto emudeceu-me. Ela tinha uma expressão que eu nunca lhe vira, e que não a sabia capaz de assumir: mortalmente pálida, olhava furtivamente para a cama, enquanto prendia a capa, para ver se me acordara. Supondo que eu continuava a dormir, saiu silenciosamente do quarto e, instantes depois, ouvi um rangido áspero, que podia ser dos gonzos da porta da frente. Sentei-me, esfreguei as articulações nas colunas da cama para me certificar de que estava acordado e tirei o relógio que ficara debaixo do travesseiro. Eram três da manhã. Que diabo poderia fazer minha mulher numa estrada às três horas da manhã?

"Fiquei sentado uns vinte minutos pensando no assunto e tentando descobrir uma explicação plausível, mas quanto mais pensava mais extraordinário tudo aquilo me parecia. Perplexo, ouvi de novo a porta da frente fechando-se devagarinho, e os passos dela subindo a escada.

"— Onde você esteve, Effi? — perguntei, quando ela entrou.

"Levou um susto violento e deu uma espécie de grito ofegante quando falei; e tanto o susto como o grito ainda mais me perturbaram porque denunciavam indiscutivelmente certa culpa. Minha mulher sempre fora franca e aberta para comigo, de modo que senti um arrepio estranho ao vê-la entrar furtivamente em seu próprio quarto e encolher-se, gritando, quando o marido lhe falava.

"— Você está acordado, Jack? — gritou, com uma risada nervosa. — Pensava que nada podia acordar você.

"— Onde esteve? — perguntei, com mais dureza.

"— Não admira que você esteja surpreso — disse ela. Os dedos tremiam-lhe ao desprender a capa. — Não me lembro de ter feito semelhante coisa em toda a minha vida. Mas a verdade é que me senti sufocada, com uma necessidade louca de um pouco de ar fresco. Creio que desmaiaria se não tivesse saído. Fiquei alguns minutos à porta, e agora estou de novo perfeitamente bem.

"Durante toda essa história, não olhou uma única vez para mim, e sua voz era totalmente diferente da que lhe era habitual. Tornou-se evidente que estava mentindo. Não lhe dei resposta. Virei-me para a parede, o coração angustiado, a cabeça cheia de milhares de dúvidas e suspeitas cruéis. O que minha mulher estaria ocultando? Onde teria estado em seu estranho passeio? Eu sentia que não teria paz enquanto não o soubesse, mas resistia à idéia de perguntar, uma vez que ela me mentia. Fiquei agitado e angustiado pelo resto da noite, formando teoria após teoria, cada uma mais improvável do que a outra.

"Naquele dia, eu devia ir à cidade, mas estava preocupado demais para dar atenção a assuntos comerciais. Minha mulher parecia tão transtornada como eu. Pêlos olhares rápidos que me lançava, pude adivinhar que sentia minha dúvida em relação a tudo o que ela dissera. E isso a preocupava. Trocamos apenas uma palavra durante o desjejum. Logo a seguir, saí; fui dar um passeio ao ar fresco da manhã, para não pensar tanto no assunto. Afastei-me até o Crystal Palace e andei uma hora pêlos campos. Quando voltei a Norbury, era uma hora da tarde. Aconteceu que, quando passei diante daquela casa, parei um instante para ver se conseguia descobrir a tal face estranha que me encarara no dia anterior. Imagine minha surpresa, sr. Holmes, quando a porta se abriu e saiu de lá minha mulher.

"Ao avistá-la, fiquei mudo de espanto, mas minhas emoções não eram nada comparadas às que se lhe estamparam no rosto quando nossos olhos se encontraram. Por um instante, pareceu-me que queria retroceder para dentro da casa. Percebendo porém que seria inútil qualquer tentativa de fuga, caminhou em frente com o rosto muito branco, e com um olhar tão assustado que fez morrer o sorriso que tinha nos lábios.

"— Oh, Jack! Entrei aqui agora mesmo para ver se nossos vizinhos precisavam de alguma coisa. Por que olha assim para mim? Está zangado?

"— Estou — respondi. — Foi para cá que você veio a noite passada.

"— Que quer dizer?

"— Tenho certeza de que foi para cá que você veio a noite passada. Que pessoas você foi visitar àquela hora?

"— Mas eu nunca vim até aqui...

"— Como tem coragem de dizer aquilo que você sabe que é mentira? — exclamei. — Até sua voz se altera quando você fala. Já lhe escondi porventura alguma coisa? Vou entrar na casa para desvendar esse mistério.

"— Não, Jack! Pelo amor de Deus! — gritou com incontida emoção.

"Aproximei-me da porta, mas ela puxou-me pelo braço com uma força convulsiva.

"— Imploro-lhe que não entre, Jack — gritou. — Juro que um dia direi tudo. Mas, se entrar nessa casa, você terá um desgosto.

"E agarrou-se a mim quando tentei livrar-me de sua súplica frenética.

"— Confie em mim, Jack — continuou, com angústia. — Confie em mim desta vez apenas, e nunca terá razões para se arrepender. Sabe que eu não ocultaria nada se não fosse para seu próprio bem. Nossas vidas estão em perigo. Se voltar para casa comigo, tudo correrá bem, mas se insistir em entrar, tudo acabará entre nós.

"Havia tal veemência, tal desespero em sua atitude, que estas palavras me detiveram e fiquei imóvel, indeciso, diante da porta.

"— Confiarei em você, mas com uma condição, uma única condição — disse por fim. — Eu lhe darei a liberdade de manter seu segredo, mas prometa-me que não haverá mais visitas noturnas nem atos ocultos que eu ignore. Quero esquecer tudo o que se passou, se me prometer que no futuro não se repetirão.

"— Eu estava certa de que você confiaria em mim — disse ela com um grande suspiro de alívio. — Será como quiser. Agora, vamos embora! Vamos para casa! — E, puxando-me pelo braço, afastou-me aquela casa. No caminho olhei para trás; lá estava aquele rosto amarelo, lívido, a espiar-nos da janela de cima. Que elo poderia haver entre aquela criatura e minha mulher? Como ela poderia manter relações com aquela mulher grosseira que eu vira no dia anterior? Tudo isso era um estranho enigma, e eu não teria sossego enquanto não o desvendasse.

"Permaneci dois dias em casa, e minha mulher parecia conservar-se leal a nosso compromisso, visto que, até onde me foi dado saber, também não saiu. No entanto, ao terceiro



dia, tive a certeza de que sua promessa solene não era suficientemente forte para libertá-la daquela secreta influência que a afastava de mim.



"Eu fora a Londres mas regresssei no trem das duas e quarenta, e não no das três e trinta e seis, como de costume. Quando cheguei a casa, a criada acorreu à entrada com um ar muito assustado.

"— Onde está a senhora? — perguntei.

"— Parece-me que foi dar um passeio — foi a resposta.

"Fiquei imediatamente cheio de suspeitas. Precipitei-me escada acima para ver se de fato ela não estava em casa. Aconteceu que, passando por uma janela, olhei para fora e vi a criada, com quem estivera falando, correndo pelo campo em direção à casa. Compreendi então o que tudo aquilo significava: minha mulher fora até lá e pedira à criada que a chamasse quando eu voltasse. Ardendo de raiva, desci precipitadamente e saí correndo, resolvido a acabar com aquela história de uma vez para sempre. Vi minha mulher e a criada voltando apressadas pelo beco, mas não parei para lhe falar. Na casa é que estava o segredo que lançava uma sombra sobre minha vida. Jurei que esse segredo se desvaneceria, acontecesse o que acontecesse. Nem bati à porta; virei rápido a maçaneta e entrei. No andar térreo tudo estava tranquilo e silencioso. Na cozinha, uma chaleira cantava sobre o fogão. Um grande gato preto estava enrolado dentro de um cesto. Nenhum sinal da mulher grosseira que me abrira a porta no outro dia. Corri ao outro quarto, que estava igualmente vazio. Subi a escada correndo, mas só encontrei duas salas desertas. Não havia ninguém, absolutamente ninguém em toda a casa. A mobília e os quadros eram comuns, excetuando-se a do quarto em cuja janela eu vira o estranho rosto. Esse era elegante e confortável. Mas todas as minhas suspeitas se acenderam num ardor amargo e violento quando vi, sobre a lareira, uma ampliação de uma fotografia que minha mulher tirara, a meu pedido, havia apenas três meses.

"Permaneci ali o tempo suficiente para me certificar de que a casa estava realmente vazia. Saí então, sentindo no peito o que nunca sentira. Minha mulher estava no vestíbulo quando cheguei a casa. Mas eu estava muito magoado para lhe falar, de modo que fui direto ao escritório. Ela no entanto alcançou-me antes que eu tivesse tempo de fechar a porta.

"— Estou triste por ter quebrado minha promessa, Jack. Mas se você soubesse o que se passa, estou certa de que me perdoaria.

"— Então, conte-me tudo.

"— Não posso, Jack. Não posso!

"— Enquanto não me disser quem mora naquela casa e a quem você deu aquela fotografia, não pode haver confiança entre nós — disse eu.



"E, abandonando-a, saí de casa. Isso se passou ontem, sr. Holmes, e desde então não tornei a vê-la, nem soube mais nada do assunto. É a primeira sombra que cai entre nós. Mas fiquei tão abalado que não sei o que fazer. Esta manhã lembrei-me de que o senhor era homem para me aconselhar; apressei-me pois a procurá-lo e coloco-me sem reservas em suas mãos. Se houve algum ponto sobre o qual não fui claro, pode perguntar. Mas, acima de tudo, tenha a bondade de me dizer o que devo fazer, porque tudo isso está além de minhas forças."

Holmes e eu ouvimos, com o mais vivo interesse, essa extraordinária narrativa, exposta aos tropeços por um homem atingido pela mais extrema emoção. Meu companheiro

continuou sentado, pensativo, o queixo apoiado nas mãos.

— Diga-me — começou, por fim. — O senhor pode jurar que era o rosto de um homem o que viu na janela?

— Vi-o sempre a uma certa distância, de modo que não é possível afirmá-lo.

— No entanto, parece que o impressionou desfavoravelmente.

— Pareceu-me de cor antinatural e de feições muito rígidas. Quando me aproximei, desapareceu num salto.

— Há quanto tempo sua mulher lhe pediu as cem libras?

— Há cerca de dois meses.

— Já viu algum retraio do primeiro marido?

— Não. Houve um grande incêndio em Atlanta logo depois de sua morte, e os papéis dela ficaram todos destruídos.

— Mas tinha uma certidão de óbito. O senhor diz que a viu.

— É verdade. Trata-se de uma segunda via, tirada depois do incêndio.

— Encontrou alguma vez antigas relações de sua mulher na América?

— Não.

— Ela falou-lhe em voltar para lá?

— Não.

— Recebe cartas de lá?

— Que eu saiba, não.

— Muito obrigado. Gostaria de pensar um pouco no assunto. Se a casa continuar desabitada, é possível que venhamos a ter dificuldades. Mas se, como creio, os inquilinos foram avisados de sua ida tempestuosa e saíram por momentos, voltando em seguida, então poderemos esclarecer tudo facilmente. Aconselho-o a voltar a Norbury e examinar, de novo, as janelas da casa. Se notar que há gente, não entre à força, mas mande-nos um telegrama. Iremos ter com o senhor, e uma hora depois atacaremos o caso a fundo.

— E se continuar vazia?

— Nesse caso, irei amanhã discutir o caso com o senhor. Adeus e, acima de tudo, não se irrite sem motivo.

— Receio que se trate de um caso grave, Watson — disse meu amigo, ao voltar da porta aonde fora acompanhar o sr. Munro. — Que lhe parece?

— Soa mal — respondi.

— Sim. Há chantagem, ou estou muito enganado.

— E quem é o chantagista?

— Tem que ser o indivíduo que mora no único quarto confortável da residência, e que tem a fotografia dela em cima da lareira. Juro-lhe, Watson, que há algo de atraente naquele rosto lívido da janela, e por coisa nenhuma desistirei do caso.

— Já tem alguma hipótese?

— Já; uma hipótese provisória. Mas ficarei surpreso se verificar que não é exata. É o primeiro marido daquela mulher quem está na casa.

— Por que pensa assim?

— Do contrário, como explicar a ansiedade frenética dela, com receio de que o segundo marido entrasse? Os fatos, como os imagino, são mais ou menos estes: essa mulher casou-se na América e o marido deve ter revelado qualquer característica odiosa, ou contraiu, digamos, uma doença repelente, ficando leproso ou imbecil, por exemplo. Ela então fugiu dele, regressou à Inglaterra, mudou de nome e, como ambicionava, recomeçou sua vida. Casada há três anos, supunha que sua posição estava absolutamente garantida, tendo mostrado ao marido a certidão de óbito de qualquer outro homem, de cujo nome se apropriou, quando de repente seu paradeiro foi descoberto pelo primeiro marido, ou talvez por uma mulher sem escrúpulos que, entretanto, se ligara ao inválido. Escreveram à mulher ameaçando-a de revelar toda a verdade. A atual sra. Munro conseguiu cem libras e tentou comprar-lhes o silêncio. Eles se mudaram apesar disso, e quando o marido disse à esposa que havia novos inquilinos na casa, ela adivinhou que eram seus perseguidores. Esperou que o marido adormecesse e então correu à tal casa, esforçando-se por persuadi-los a deixá-la em paz. Sem obter êxito, voltou na manhã seguinte, momento em que o marido, como nos disse, a encontrou quando saía. Ela então prometeu não voltar, mas a esperança de se libertar de seus terríveis vizinhos é muito forte e, dois dias depois, voltou à carga, levando a fotografia que, provavelmente, lhe tinham exigido. No meio da entrevista, a criada entrou para anunciar que o patrão chegara. Não duvidando de que ele viria à moradia, fez os inquilinos saírem pela porta de trás, talvez para o bosque que parece existir próximo. Eis por que ele, quando entrou, encontrou a casa deserta. Ficarei no entanto muito surpreso se assim continuar, quando ele a inspecionar de novo esta tardinha. Que pensa de minha hipótese?

— É apenas uma hipótese.

— Pelo menos, abrange todos os fatos. Se chegarem a meu conhecimento novos fatos que não caibam nela, terei tempo para reconsiderar. De momento, não podemos fazer nada enquanto não recebermos nova mensagem de nosso amigo de Norbury.

Mas não esperamos muito tempo. O recado veio justamente quando estávamos acabando o chá. "A casa está habitada", dizia. "O rosto apareceu outra vez à janela. Espero-os no trem das sete, e não darei nenhum passo até que cheguem."

Grant esperava-nos na plataforma, e apesar da luz fraca da estação reparei que estava muito pálido e trémulo de agitação.

— Ainda estão lá, sr. Holmes — disse, pondo a mão no braço de meu amigo. — Vi luzes na casa quando descia. Vamos esclarecer tudo de uma vez por todas.

— Qual é seu plano? — perguntou Holmes, quando descíamos a estrada escura, ladeada de árvores.

— Vou entrar à força e ver, com meus próprios olhos, quem está naquela casa. Quero que ambos estejam lá para testemunhar.

— Está realmente decidido a fazê-lo, apesar da advertência de sua esposa de que seria melhor não penetrar no mistério?

— Sim. Estou resolvido.

— Bem, creio que o senhor está em seu direito. Qualquer verdade é melhor do que a dúvida. O melhor que temos a fazer é subir já. É certo que legalmente não temos esse direito, mas penso que vale a pena arriscar.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

